

SOFRIMENTO PSÍQUICO E MAL - ESTAR DOCENTE: UMA INTERFACE COM O TRABALHO, A SAÚDE E A DOENÇA.

Iêda Fátima da Silva ¹

RESUMO

Esse trabalho discute acerca do sofrimento psíquico de professores enquanto fenômeno contemporâneo que se manifesta através do desinteresse, desgaste físico e psíquico da degradação da imagem e autoestima, decorrentes das condições de trabalho, desvalorização profissional, proletarização docente e precarização do trabalho, o caso da Prof.^a Marta apresenta situações resultantes das configurações construídas na sua intinerância profissional. No decorrer da pesquisa utilizei dois recursos metodológicos: a revisão de literatura e o estudo de caso, este estudo de caráter interdisciplinar dialoga entre, Dejours (1992), Selligman (2010), Codo (1999), Esteve (1999), e Gil (1991). Esse trabalho resulta no esforço de compreensão do adoecimento como construção sócio-histórica, que tem sua gênese e desenvolvimento no seio do trabalho docente. Compreende as tentativas de superação da própria vulnerabilidade, indagando sobre o estatuto do controle ou cura como mecanismos de afastamento do âmbito profissional, tomando os professores como os únicos responsáveis pelo processo de resignificação da sua identidade profissional num movimento do cuidado de si e do outro.

Palavras-chave: Mal-estar docente, Sofrimento psíquico, Docência.

INTRODUÇÃO

No trabalho aqui apresentado, o foco de interesse é aprofundar a reflexão fazendo uma análise crítica do caso da professora Marta que apresenta situações vivenciadas acerca do sofrimento psíquico e mal-estar docente como resultantes das condições de trabalho, das relações estabelecidas no âmbito escolar e institucional e das configurações construídas ao longo da sua intinerância profissional. Ilustra os sentimentos e comportamentos relacionados à sua prática pedagógica, somados as relações cotidianas com os alunos e colegas de profissão.

A sintomatologia apresentada pela mesma e a sua aparência física e emocional denunciavam o seu estado de adoecimento. Pude ver de perto esses aspectos nos momentos de visitas à Escola e das observações em sala, nos períodos de visitas de Supervisão de Estágio. O descaso que as políticas públicas tem com as doenças dos professores o que paradoxalmente

¹Professora da Universidade do Estado da Bahia- UNEB-Mestra em Família na sociedade contemporânea iedamacy@gmail.com.

causava certo conforto para a referida professora, que na sua invisibilidade se protegia das críticas e julgamentos dos sujeitos que compunham a comunidade escolar, reconhecer-se doente e incapaz e afastar do trabalho, ou reconhecer e legitimar a condição de indolência, de loucura de doença.

Segundo Delcor et al. (2004), o trabalho na vida dos indivíduos possui vários significados. Se por um lado faz o ser humano sentir-se feliz, realizado, por outro também pode se transformar em um elemento patogênico, tornando-se nocivo à saúde.

Nessa direção, o trabalho propõe uma reflexão sobre a relação do trabalho com a saúde/doença da professora Marta no contexto escolar, levando em consideração as condições de trabalho, o seu estado de adoecimento representado através das patologias que emergiam sob a forma de comportamentos, sentimentos e emoções.

O trabalho tem como base teórica metodológica o estudo dos conceitos de adoecimento, sofrimento psíquico e mal-estar docente enquanto aspectos que ilustram o caso descrito da referida professora, numa dinâmica metodológica da revisão de literatura e do estudo de caso, na perspectiva da pesquisa qualitativa de cunho eminentemente social. Nesse sentido percebe-se através desse estudo a possibilidade de ampliação dessa discussão a partir do acesso a esses conceitos, tendo em vista a atualidade do tema. A leitura do texto possibilita o entendimento sobre o fenômeno do adoecimento de professores, assim como o reconhecimento e a identificação por muitos professores do caso aqui apresentado.

METODOLOGIA

Enquanto constructo histórico, a pesquisa é validada tão somente pelo protagonismo social que, numa visão contemporânea não apenas é atributo do investigador, mas das ações integradas dos atores que dela fazem parte. É imprescindível reconhecer que além da consciência, sujeito e objeto são constitutivos de identidade, além de ser intrínseca e extrinsecamente ideológica.

Nesse sentido, Minayo afirma que;

Na investigação social, a relação entre o pesquisador e seu campo de estudo se estabelecem definitivamente. A visão de mundo de ambos está implicada

em todo o processo de conhecimento, desde a concepção do objeto, aos resultados do trabalho e sua aplicação. (MINAYO, 1994.p.14).

Dadas as características específicas das questões apontadas, em particular pelo problema e justificativa, e para atingir os objetivos supramencionados, fez-se a opção metodológica pela revisão de literatura e estudo de caso, por ser mais coerente com o contexto.

Segundo Gil (1991), a revisão de literatura é descrita como a busca de informações sobre um tema ou tópico que explana a situação dos conhecimentos sobre um problema de pesquisa. Esta ação metodológica é, nesta investigação, uma oportunidade de crítica, possibilitando uma montagem de redes semânticas, corroborando na elaboração de uma lógica que permite problematizar os interesses para a investigação, ao mesmo tempo em que problematiza um objeto complexo, usando do dispositivo da observação. Na concepção de Silva e Menezes:

A pesquisa qualitativa considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. A interpretação dos fenômenos e atribuição de significados são básicos no processo qualitativo. O processo e seu significado são os focos principais de abordagem. (SILVA; MENEZES, 2001. p. 20).

Nesse sentido o estudo de caso vem corroborar com a reflexão a cerca da realidade social e da participação efetiva do pesquisador com os sujeitos implicados na pesquisa que segundo André (2008) na concepção de *Stake* o estudo de caso é uma investigação da particularidade e da complexidade de um caso singular, levando a entender sua atividade dentro de importantes circunstâncias.

André 2008, afirma que:

O estudo deve ser usado quando há interesses de conhecer uma instancia em particular, pretende-se compreender profundamente essa instancia particular, em sua complexidade e totalidade. Busca-se retratar o dinamismo de uma situação numa forma muito próxima do seu acontecimento natural. (André2008, p 31)

A pesquisa tem caráter descritivo, situando-se no campo das investigações qualitativas que se baseiam nas discussões teórico-críticas propiciadas pela aproximação dos estudos realizados sobre a realidade emocional do docente. O caso da professora Marta é o resultado das descrições feitas nas observações no espaço escolar.

DESENVOLVIMENTO

Na condição de professora durante três décadas nos âmbitos da Educação Básica e no Ensino Superior, pude vivenciar de perto a labuta dos professores, os quais convivi e pude testemunhar, durante este percurso, intercorrências indicadoras de sofrimento psíquico de parte significativa de colegas com quem convivi, coordenei, dirigi, decorrentes do exercício profissional.

Sempre me chamou a atenção às queixas e sofrimento expressos, tanto na formação inicial, quanto no trabalho efetivo na sala. A formação sempre foi recheada pelos dilemas e exigências emitidas institucionalmente através das demandas curriculares e, em específico, no período de estágio, momento que causava insegurança frente ao novo, ao desconhecido.

Do meu lugar, pude assumir um papel de observadora e de interventora, porque a mim cumpria conduzir certos processos formadores e ajustadores de roteiros pedagógicos, situação algo ambígua, porque acompanhava de modo contíguo as estagiárias e as professoras experientes no mesmo cenário escolar. Nesse itinerário, me chamou a atenção as frequentes queixas, pelos sintomas de insatisfação, silêncio, mal-estar e sofrimento apresentados nos momentos de conversas informais, de reuniões de planejamento e avaliações.

Nos contatos informais vividos na escola, que se constituíam em ricas oportunidades de desabafo, pude perceber, progressivamente, que esses problemas iam se ampliando, a ponto de sentir que os mais resistentes criaram alternativas de superação de todo o sofrimento vivido no seio do trabalho e o que mais me sensibilizava eram os sinais apresentados por aqueles mais frágeis.

Como dispositivo detonador de minha motivação para esta pesquisa resgato o caso que mais me chamou a atenção e sempre ensejou a organização reflexiva que aqui proponho, no

afã de compreender os fatores mais relevantes que provocam o adoecimento desses profissionais. Trata-se da situação da professora Marta², que aproximadamente durante cinco anos pude acompanhar. A professora se encontrava num estado doentio, apesar de continuar atuando em sala de aula, e o que é pior, com as crianças mais novas da escola. A descrição feita sobre a referida professora baseia-se nas observações e dos desabaços sobre a prática docente e as inquietações sentidas no cotidiano escolar.

Professora Marta, chamada na escola de “a professora problemática”³, mulher negra, 49 anos, solteira, dois filhos (uma de 17 anos e outro de 26 anos), tem dois netos, mora em uma casa emprestada pela tia há 27 anos. Ficou órfã muito cedo, foi criada pela madrasta, tem um aspecto físico de descuidada. Esta sempre mal vestida, inclusive no ambiente profissional, arrastando um chinelo, cabelos assanhados, com manchas de sujeira nas vestimentas. Parece não se cuidar. Aparentemente a higiene básica com o corpo deixa a desejar. Às vezes a professora é confundida como servente da escola, como cozinheira ou como mãe. Quase nunca como professora. Esse é o quadro dramático da professora, traduzido pela sua aparência. Mas este é tão somente um aspecto visível, palpável das manifestações do seu mal-estar, bem mais profundo e muito mais complexo que o plano das aparências.

Quando se referia ao seu estado de saúde, sempre deixava escapar algumas queixa-se de: cansaço físico, fadiga, crise de garganta (rouquidão) devido ao recurso que usava com frequência com os alunos: interpelação aos gritos. A professora nunca admitia ter problema de saúde. Percebia que para a professora aceitar a condição de doente a ponto de solicitar o afastamento do trabalho lhe causava constrangimento, porque não reconhecia a fadiga, a pressão alta e o cansaço como sinais de adoecimento.

Reconhecer tudo isso seria reconhecer o fracasso frente aos pares, aos superiores e ao sistema de educação. Nesse sentido, Dejours (1992, p. 29) afirma que a reticência em falar de doença e sofrimento é histórica e maciça:

Quando se está doente tenta-se esconder o fato dos outros, mas também da família e dos vizinhos. É somente após longas voltas que se chega, às vezes, a atingir a vivência da doença que se confirma como vergonha: bastou uma doença ser evocada para que, em seguida, venham numerosas justificativas, como se fosse preciso se desculpar. Não se trata da culpa no sentido próprio que refletiria uma vivência individual, e sim de um sentimento coletivo de vergonha.

² Homônimo utilizado em respeito a preservação da identidade da professora.

Percebia que contraditoriamente, a professora Marta demonstrava gostar de estar com as colegas e alunos, chegava o final do expediente de trabalho e protelava a ida para casa. Um dos seus maiores medos era o de perder o emprego e de não ser reconhecida e identificada como professora. As suas inseguranças estavam sempre relacionadas aos problemas com os alunos. Percebia que a coordenação e a direção não tomam providência para ajudá-la. Pude de perto observar que ela era sempre desprezada e alijada dos eventos importantes da escola.

O caso da professora Marta apresentava, sobretudo uma vida pessoal e turbulenta, as dimensões da sua vida entrecruzavam com os aspectos econômicos ligados à desvalorização profissional através do rebaixamento salarial, das questões políticas, do mundo do trabalho promotores de desequilíbrio tanto para a professora Marta e para a maioria dos professores desse país: inseguros, estressados, adoecidos e invisíveis institucionalmente, e de forma ampliada pela sociedade. Curioso é que a professora Marta nunca faltava às aulas, mesmo quando estava doente. Parecia que ir para o trabalho a livrava de situações não muito boas vividas no seio familiar.

Nesse sentido, Dejours (1992), problematizando a relação trabalho/saúde, defende que o trabalho não é apenas fonte de doença e de infelicidade, podendo ser também, ao contrário, operador de saúde e prazer. Portanto, ele nunca é neutro em relação à saúde podendo tanto favorecê-la, quanto contribuir para o adoecimento. Esse caso específico e emblemático representa e denuncia ao mesmo tempo a situação complexa por qual passa os professores na sociedade, no mundo.

O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas. ...O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático. Esse processo produz o sujeito pós-moderno, conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial e permanente. (HALL, STUART, 2006, p 12 a 13).

É na contradição que se forja o sujeito social e cultural, que nas tensões e ambiguidades se basculham a sanidade e a doença, a subjetividade revela-se nos vários contextos de significação e criatividade. A professora citada nesse trabalho se manifestava na tensão entre o desconforto, a insatisfação, o desejo e o prazer provocado pelo ambiente do

trabalho. Estava consciente de que ir trabalhar ao invés de ficar em casa lhe propiciava um alento sobre a sua condição contraditória.

Como reação, as professoras desenvolvem defesas (Dejours, 1992), através das quais o *faltar para não faltar ao trabalho* (para não adoecer), as saídas constantes de sala de aula, as relações de desconfiança entre colegas de trabalho e demais profissionais, o individualismo e o desengajamento afetivo e cognitivo são recursos bastante utilizados.

As condições de trabalho provocam situações subjetivas que são dimensionadas nas relações que se estabelecem no âmbito escolar. Tais situações aglomeram-se e cristalizam-se tornando o sistema da educação em todas as esferas de atuação como o lócus de construção e fomento de doenças.

O trabalho, na sua ambiguidade, traz essencialmente o prazer e a dor da sua realização. O trabalho é possibilitador de recursos para a sobrevivência, manutenção da vida, ao mesmo tempo em que é gerador de medos, inseguranças, cansaço, sobrecarga física e mental. Inexoravelmente, essas contradições provocadas pelo trabalho levam o sujeito a mudar seus hábitos, experiências, comportamentos, pensamentos e emoções.

A professora revelava não se sentir arrependida de ser professora, porque é dessa profissão que tirava o sustento da família, mas se tivesse opção escolheria outro trabalho. Nas suas queixas, mesclados por medos e inseguranças, a mesma revelava que o professor tem muitos sofrimentos, tem salário baixo, sem condição de trabalho na escola, falta de reconhecimento das colegas.

A história de vida da professora Marta, e a sua intinerância profissional a que a mesma estava submetida, tem na sua dinâmica a contradição como traço da existência revelada pelos comportamentos e atitudes. O sofrimento da professora era visível por se tratar dos indicadores externos que as pessoas podiam enxergar e antagonicamente, a mesma se constituía como um sujeito marginalizado e invisível para a gestão, visto que a indiferença e o descaso se prolongavam. O afastamento para cuidar da saúde torna-se uma situação que depõe contra a sanidade mental, uma vez que a professora citada sempre foi considerada como louca. Numa tentativa de manter a performance saudável, era preferível sofrer todas as agruras que o estado da aparente normalidade pode vir a sugerir em detrimento de uma aceitação pelos pares, pela instituição, pelos alunos e por suas famílias de ser considerada uma professora normal.

Nesse caso apresentado, vale ressaltar a minha indignação frente ao estado de adoecimento apresentado pela professora e a indiferença dos seus pares na convivência diária no âmbito escolar, e de forma extrema o pseudo desconhecimento e inoperância do Sistema de Educação em afastar a professora das suas atividades laborais, corroborando com a ampliação do problema de saúde, desajustes nas relações e os impactos exercidos sobre as crianças com as quais trabalha.

Tenho perguntado em que medida o sofrimento psíquico dos professores é gerador da crise de identidade profissional? Qual a relação entre condições de trabalho e a saúde dos professores? De que forma o sofrimento psíquico vem impactar nas relações sociais e familiares que se constituem no espaço escolar? Por que esses afastamentos só acontecem em última instância? Somando a tudo isso, qual é a relação de dependência que existe entre o sofrimento psíquico dos professores e a necessidade de se afastarem para cuidar do seu corpo, da sua aparência, das suas emoções, enfim da sua saúde? Cuidara essencialmente da sua vida pessoal e profissional, aspectos considerados indissociáveis nessa discussão. Os profissionais da educação, em particular os professores, como aponta Esteve (1999), têm sofrido tanto uma exigência de postura requerida pela sociedade, como problemas relativos aos recursos materiais e humanos.

Nesse sentido, Codo (1999) observa que o processo de resgate e a consequente dificuldade em se relacionar afetivamente com o usuário transformam o perfil eufórico, característico do início da carreira docente, em depressivo. Esse processo de desgaste pode levar à completa exaustão da energia física e/ou mental, fazendo com que o profissional abandone seu trabalho, não por não mais desejá-lo, mas por sentir-se incapaz de realizá-lo, por perder a identificação que mantinha com a atividade.

Esteve (1999) afirma que as queixas apresentadas pelos professores dizem respeito às condições de trabalho, incluindo-se nelas as condições físicas e as condições psicossociais. Segundo o autor, ressentidos com a desvalorização do seu trabalho, alguns professores adoecem, mas permanecem trabalhando, enquanto outros optam por abandonar a docência em busca de melhores condições de trabalho e de saúde em outras atividades ocupacionais.

O mundo contemporâneo inaugurou uma nova ordem na relação do homem com o trabalho. O desenvolvimento globalizado aponta cada vez mais para a

especialização, a tecnologia, a robotização, a desumanização dos contatos humanos e afetivos dentro dos âmbitos produtivos. Do outro lado da linha estão os profissionais que fazem do contato direto, sua condição de trabalho [...] aqueles chamados atualmente de profissionais de alto contato, os quais associam as longas jornadas de trabalho, o inevitável envolvimento com os problemas dos outros e a excessiva carga de trabalho em âmbitos potencialmente geradores de conflitos. (SANTOS, M.; D'ÁVILA, C. In. MASLACH; LEITER, 1999, 2010, p. 329).

São exatamente na direção dessas indagações, inquietações motivadas pelo caso da professora Marta, que procurei situar o objeto dessa pesquisa, no campo da relação saúde/doença e trabalho docente frente às responsabilidades do possível afastamento do professor afetado por sofrimento psíquico no contexto do mal-estar docente, cujo cenário se compõe nas escolas da educação básica desse país.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O caso da professora Marta possibilitou a reflexão sobre o estado de adoecimento enfrentado pela mesma. Quero com essa situação evidenciar a existência do estado de adoecimento e mal-estar, que abate a professora de forma significativa, existe uma sintomatologia sentida, mas invisível para o olhar do poder médico e dos órgãos competentes para emissão de licença, porque jamais foram enunciados para esse fim.

Gueland (2010) relaciona um referencial específico denominado de carga psíquica do trabalho referente às duas ordens e fenômenos citados por Gueland et al. (1975), afirmando que costuma-se separar a carga física de um lado, a carga mental de outro. Por trás da noção de carga mental há uma mistura de fenômenos de ordem neurofisiológica e psicofisiológica: variáveis psicossensoriais, sensoriomotoras, perceptivas, cognitivas, etc. e fenômenos de ordem patológicos, psicossociológicos ou mesmo sociológicos, tais como variáveis do comportamento, de caráter, psicopatológicas, motivacionais (GUELAND. et al., 1975 in DEJOURS. 1994, p. 22).

Essa afirmação acerca do dualismo físico e psíquico vem corroborar com o pensamento multirreferencial que vê na psicodinâmica da relação saúde/doença/ trabalho as evidências da interdependência entre o sujeito e a clínica que diagnostica: “O que não tem remédio, remediado está”. Os profissionais da educação em geral e nesse caso específica os professores, quando não se enquadram nos padrões impostos pelas organizações educativas, não importando se suas patologias são decorrentes do seu trabalho, devem ser de certa forma descartáveis, se as manifestações de adoecimento persistirem. Referindo-se especificamente ao estresse ou às doenças mentais. Dejours (1992, p. 120) afirma que:

Toda descompensação psiconeurótica traduz-se, provavelmente, por uma queda no desempenho produtivo. Assim, as neuroses e psicoses descompensadas, são imediatamente detectadas através dos critérios de rendimento na produção, frequentemente os primeiros que aparecem, num quadro psicopatológico.

Sabe-se que apenas o estresse não é motivo suficiente para o afastamento do trabalho. Daí compreende-se que apenas o sofrimento não pode ser considerado pelo controle médico, dando lugar a legitimação da doença que segundo Dejours (1992) quando se refere aos trabalhadores da fábrica, fazendo uma referência para os trabalhadores da escola, aqui com destaque para o professor, trago a afirmação do autor que diz:

Por isso, o trabalhador deverá apresentar um atestado médico, geralmente acompanhado de uma receita de psicoestimulantes ou analgésicos. A consulta médica termina por disfarçar o sofrimento mental: e o processo de medicalização, que se distingue bastante do processo de psiquiatrização, na medida em que se procura não somente o deslocamento do conflito homem – trabalho para um terreno mais neutro, mas a medicalização visa, além disso, a desqualificação do sofrimento, no que este pode ter de mental.

O professor protela e nega a utilização da licença para cuidar da saúde em última instância como dispositivo de salvação para os problemas que enfrenta com a sua saúde, recaindo sobre ele, a vitimização e culpabilização do seu estado de adoecimento de forma individual categorizando perversamente como um “bode expiatório”.

É necessário problematizar o sofrimento e adoecimento do professor na perspectiva crítica da compreensão de que o trabalho docente é coletivo e que as patologias inscrevem-se no aspecto biológico tendo o corpo como receptáculo, somando-se as tensões sócio-afetivas e emocionais. Nesse sentido Mariana Fiore (2009, p.3) em seu Artigo *O Professor está doente? Refletindo sobre a Dimensão Política do Sofrimento Docente*, afirma que:

O adoecimento do professor é produzido na intersecção de múltiplos vetores. Portanto, demanda diversas perspectivas de análise que interroguem sobre as forças que concorrem e se afirmam na fabricação do professor estressado, deprimido, desvitalizado, despotencializado, do “professor adoecido”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dessa forma percebi nesses anos, que a atmosfera profissional que envolvia os professores dos mais variados níveis de ensino, ficava cada vez mais embaçada por um estado de penumbra, revelados por tantos sofrimentos e mal-estar.

Nesse sentido, através das buscas incessantes que pudessem responder a essas questões, é que esse trabalho, circunscreve-se enquanto desejo de descortinar o imprevisível ou quase inatingível processo de adoecimento, no que se refere à procura do entendimento sobre as circunstâncias que levam os professores a tomarem essas iniciativas como estratégias de sobrevivência e alívio desses sintomas, sentimentos e transtornos que serviram como motivadores para a compreensão da relação trabalho/saúde e família.

Sobre o sofrimento psíquico concebido como uma experiência que pode acontecer com qualquer pessoa em diversas fases da vida, o que às vezes torna-o comum e imperceptível. Através do presente estudo pôde-se constatar que os professores desenvolvem comportamentos de resistência traduzidos pelo absenteísmo no trabalho e que defensivamente criam estratégias para camuflar o sofrimento existente, o que explica o fato dos mesmos apresentar características de normalidade aparente, mesmo vivendo o auge do sofrimento psíquico. Por tudo isso, concluo esse trabalho, longe, indubitavelmente da pretensão de ter esgotado o tema, compreendendo que o sofrimento psíquico e o mal – estar docente convergem da relação do trabalho com a saúde e a profissão que envolve questões políticas, econômicas, sociais.

REFERÊNCIAS

ANDRE, Marli Eliza. **Estudo de caso em pesquisa e avaliação educacional**: Editora líber livros: Brasília, 2008, 68p. (Série pesquisa: vol. 3).

CODO, W (coord) **Educação: Carinho e Trabalho**. Petrópolis: Vozes; 1999.

DELCOR, N., S., et al. **Condições de trabalho e saúde dos professores da rede particular de ensino de Vitória da Conquista**. Bahia. Cadernos de Saúde Pública. Rio de Janeiro, v.20, n.1, p.187-196. Jan-fev. 2004.

DANTAS, M. A., & Tobler, V. L. (2003). **O sofrimento psicológico é a pedra angular sobre a qual repousa a cultura de consumo** Disponível em: www.psicologia.com.pt./artigos/imprimir.php. Acessado em: 20/10/2013.

DEJOURS, C. **A Banalização da Injustiça Social**. São Paulo: Cortez, 1992.

_____. **Psicodinâmica do trabalho: contribuições da escola dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento trabalho**. São Paulo: Atlas, 1994

ESTEVE, J. M. **O mal-estar docente: a sala de aula e a saúde dos professores**. 2 ed Bauru: EDUSC, 1999.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6. ed. Atlas, 1991.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós – modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2006.

IORE, M. A. . **O professor está doente? Refletindo sobre a dimensão política do sofrimento docente..** In: XV Encontro Nacional da Associação Brasileira de Psicologia Social, 2009, Maceió. XV Encontro Nacional da Associação Brasileira de Psicologia Social, 2009.

MINAYO, M. C. S. et al. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

SELIGMANN SILVA, E.; DELIA, A. A.; SATO, L. **Condições de trabalho e saúde em funcionários da OPM do metrô de São Paulo**. (Relatório de Pesquisa). DIESAT. São Paulo, 1986. 343p. mimeo.

SILVA, E. L. da; MENEZES, E. M. **Metodologia e elaboração de dissertação**. 3. Ed. Florianópolis: Laboratório de Ensino à Distância da Universidade Federal de Santa Catarina, 2001.